

A PROFESSORA DJINDA SMITH

As ideias atravessavam-lhe a mente à velocidade da luz. Maria tentava recordar-se de tudo, mas quanto mais esforço fazia, mais depressa os pensamentos se lhe esvaíam da memória, como fumo dissipado por uma rajada de vento.

De sobrolho franzido, entrou no escritório do embaixador Hugo Torres transpondo as portas de madeira envidraçadas que se encontravam semiabertas. Caminhava lentamente, concentrando-se para não entornar a chávena de chá que levava na mão esquerda.

– Não quero bebidas aqui dentro! – dissera-lhe o pai, repetidas vezes.

Mas como nem ele nem a mãe se encontravam em casa, a jovem foi por diante com a sua nova e deliciosa rotina: bebericar o famoso *chá das cinco* refastelada na cadeira em pele do embaixador.

Por alguma razão, os chás e as tisanas de ervas aromáticas que tomava no escritório do pai pareciam ter um sabor especial. Maria ainda não decidira se tal se devia ao ambiente sugestivo

do compartimento forrado a estantes de carvalho repletas de livros, ou simplesmente ao facto de estar a fazer algo que lhe tinha sido proibido.

As colegas da escola que frequentava em Londres, a Southbank International School, tinham-se metido com ela ao saberem do seu novo costume, chamando-lhe «avozinha Maria» e dizendo-lhe que tomar chá era «coisa de pessoas idosas». Mas aquilo não a tinha importunado, antes pelo contrário. Maria tomara o assunto como missão a cumprir e, usando a sua personalidade forte, por vezes um pouco exuberante, acabara por dissuadi-las.

Começara por lhes falar nos benefícios da bebida inventada pelos chineses e que, não sabiam elas, era a mais consumida em todo o mundo a seguir à água. Assegurou-lhes que, dependendo do tipo e composição escolhidos, e sem nunca exagerar nas quantidades, o milagroso líquido podia ajudar a engordar, a emagrecer, a fazer a pele mais bonita, a dar um hálito fresco, a aumentar a massa muscular e a resistência dos ossos, a combater alergias, radicais livres e uma lista infindável de doenças.

Depois dissera-lhes que a palavra inglesa *tea* derivava, nada mais, nada menos, de uma sigla portuguesa — TEA, transporte de ervas aromáticas — que explicara ser a designação inscrita nas caixas de chá inicialmente levadas para Inglaterra pelos portugueses. A origem da informação era, no mínimo, discutível, mas Maria propusera-a com tal carisma que as amigas não ousaram duvidar e aceitaram-na de imediato como verdade absoluta.

A jovem garantira-lhes também que, em certos momentos, beber uma chávena de chá quente, mantendo-a bem aperta-

da entre as mãos e sentindo o seu aroma invadir as narinas com delicadeza, equivalia praticamente a receber um abraço caloroso da pessoa de quem mais gostamos, fazendo-nos sorrir, e acrescentou que um bom chá podia oferecer a mesma satisfação de um livro entusiasmante que não conseguimos parar de ler.

Em resumo, mostrara-lhes que beber chá fazia as pessoas sentirem-se mais felizes, qualidade que as amigas até ali tinham atribuído à Coca-Cola.

E assim, de «coisa de pessoas idosas», o chá da Maria Torres passara a ser nova tendência a seguir, copiada diariamente pelas amigas, de preferência em grupo e às cinco da tarde, que sempre era uma desculpa para se juntarem em casa umas das outras a seguir às aulas.

Na altura, o sucesso da argumentação fizera-a sentir-se como D. Catarina de Bragança, filha do rei D. João IV de Portugal e rainha consorte do rei D. Carlos II de Inglaterra, quando, no século XVII, introduzira a modernice na corte de Londres sem imaginar que esta se perpetuaria numa tradição multicientenária¹.

Maria Torres era assim, teatral e exagerada, incrivelmente curiosa, a raiar o intrometido, com dotes de persuasão dignos de um agente secreto, ou, havia quem defendesse, de um torturador profissional. Não receava exteriorizar emoções fortes e, em regra, era capaz de transformar problemas em desafios,

¹ O hábito de consumir chá surgiu na China, não se sabe ao certo quando, provavelmente ainda antes da dinastia Qin. Os europeus só conheceram a bebida muito mais tarde, no século XVI, quando os portugueses se depararam com ela durante as suas viagens à China, embora tenham sido os holandeses a transportá-la da Ásia para a Europa e apenas no século XVII. Quem a instituiu como tradição em Inglaterra, contudo, foi D. Catarina de Bragança, que a levou consigo para a corte de Londres após casar com o rei D. Carlos II em 1662. (*N. da A.*)

exceção feita aos momentos em que se deparava com aranhas, que odiava acima de tudo. Nessa altura, dominada pelo medo, perdia as estribeiras e tornava-se extremamente nervosa e exaltada, com dificuldade em controlar o pânico. Salvo estas ocasiões era, em geral, uma adolescente bastante segura de si.

A jovem pousou cuidadosamente a chávena numa base para copos na elegante secretária em mogno do pai e sentou-se na cadeira, soltando um longo suspiro que perturbou o vapor emanado pelo chá quente.

O seu olhar atravessou então a janela, concentrando-se nos jardins de Belgrave Square e nas folhas alaranjadas que as árvores, algumas delas plantadas em 1826, começavam a abandonar ao vento outonal.

«Já começa outra vez a ficar frio...», pensou, com um súbito estremecimento, aconchegando a echarpe verde-seca à volta do pescoço.

Inquieta, pôs-se a girar a caneta de tinta permanente do embaixador entre os dedos, desenhando círculos perfeitos no tampo da secretária.

Tentou sorver um golo de chá, mas como ainda estava muito quente, logo desistiu, levantando-se com um novo suspiro e começando a passear pelo escritório, enquanto tateava as lombadas de alguns volumes numa das estantes.

— Os pais têm tantos livros! — exclamou, sem reparar que o fizera em voz alta.

Pegou então na menina dos olhos do embaixador, um antigo exemplar d'*As Mil e Uma Noites*, escrito em francês e que este adquirira no Cairo durante o seu anterior destacamento diplomático. Tratava-se de uma cópia rara, com ilustrações a cores e fragmentos de seda no interior e cuja capa, em pele

vermelho-escuro, fora ornamentada com título e arabescos dourados. Era estupenda.

Enquanto folheava com cuidado a famosa obra, Maria não pôde deixar de notar que se sentia cada vez mais irrequieta.

— Em vez de chá de menta, se calhar devia ter escolhido chá de camomila, para acalmar os nervos! — exclamou de novo em voz alta, impaciente.

Colocou o volume no seu lugar e dirigiu-se à janela. Do outro lado da rua, a estátua do Infante D. Henrique parecia fitá-la com ar pensativo ou, agora que reparava nisso, preocupado, pois notou-lhe o sobrolho franzido. O *Navegador* tinha uma das mãos apoiada na face direita, mas na outra segurava uma espécie de pergaminho. Qual seria o seu conteúdo e, quem sabe, não seria este a razão da sua preocupação?

Suspirando de novo, voltou a sentar-se à secretária e bebeu um golo de chá.

Maria conhecia perfeitamente a razão de tanto nervosismo. Tentara não pensar nela durante o dia, e nem sequer a mencionara às amigas, na escola, para ver se a esquecia mais depressa, mas em vão. A verdade é que não conseguia tirar aquelas imagens da cabeça. Ao chegar a casa decidira adotar a estratégia contrária e, em vez de tentar esquecer o caso, esforçara-se por lembrar todos os pormenores do mesmo. Mas o seu cérebro era um órgão bem estranho! Parecia que estava a fazer de propósito para a exasperar. Se, no início, a obrigara a recordar-se de coisas que ela fizera por esquecer, agora, que ela desejava lembrar-se delas, fazia-as esfumarem-se-lhe da memória.

Voltou a pegar na caneta do pai e, antes que desse por isso, já lhe tinha retirado a tampa e se pusera a escrever a data no canto superior esquerdo do bloco de notas à sua frente.

«Se calhar tenho mais sorte se tentar passar tudo para o papel...», especulou, encolhendo os ombros.

Embora não possuísse um diário, Maria gostava de escrever episódios da sua vida sempre que se sentia inspirada ou, simplesmente, quando alguns assuntos a perturbavam, pois muitas vezes aquela era a melhor forma de lidar com eles. A escrita, tal como a leitura, tornava-se assim numa grande amiga com a qual podia contar em momentos difíceis. Além disso, escrevia também as aventuras que vivia com a irmã Ana e o primo André, exagerando de propósito muitos dos pormenores e transformando-as em autênticas histórias romanceadas e humorísticas, uma vez que as enriquecia com os disparates do primo. Maria não só tomava nota dos mesmos com toda a desfaçatez e contra a vontade do rapaz, mas costumava também ler os exemplos mais recentes quando a família se reunia, fazendo rir toda a gente.

Durante dez minutos, Maria não pousou a caneta um segundo sequer. As ideias que a tinham atormentado durante o dia deslizavam agora sem inibições para o papel, numa caligrafia repleta de abreviaturas, algumas inventadas por ela própria, mas perfeitamente legíveis.

— O que é que tens? — perguntou Ana, assomando à porta.

Maria não a sentiu aproximar-se e estava tão absorvida que a princípio nem a ouviu falar.

— Maria! — repetiu a irmã, curiosa, batendo no vidro da porta, embora já a tivesse ultrapassado e estivesse agora dentro do escritório. — O que é que estás a escrever?

— Uhhh? — disse Maria, apanhada de surpresa, erguendo a cabeça e pousando finalmente a caneta. — O que estou a escrever? Bem... É um...

Cada vez mais admirada com tanto mistério, Ana aproximou-se e deitou uma espreitadela às páginas escritas quase sem correções que jaziam no tampo da secretária.

Ana era dois anos mais nova do que Maria, mas embora fosse tão curiosa como a irmã, era um pouco mais discreta. Ao esticar o pescoço, a jovem não tivera intenção de ler o que Maria escrevera. Fizera-o apenas para se meter com ela, pois sabia que a irmã não gostava de intromissões daquele género. Porém, o facto de Maria não ter reagido sequer à sua brincadeira mostrou-lhe que algo não estava a correr como devia e levou-a a olhar de novo para as notas esparsas à sua frente.

De facto, não se enganou, pois desta vez, as palavras *enigma*, *Polícia perplexa* e *caso inexplicável* saltaram-lhe de imediato à vista, fazendo-a arregalar os olhos e fitar Maria com ar interrogativo.

– É um... ou melhor, *foi* um pesadelo que tive ontem à noite – acabou por revelar Maria, reclinando a cabeça na cadeira.

– Um pesadelo? – repetiu Ana, um pouco aliviada. – Mas que pesadelo foi esse?

– É uma história um bocado complicada... – avisou a irmã.

Ana deixou-se ficar em silêncio durante uns segundos, à espera que Maria prosseguisse. Conhecia-a muito bem e sabia que quanto mais se mostrasse interessada na sua história, mais o suspense aumentaria. Vendo, contudo, que ela não reagia e sentindo a curiosidade redobrar, preferiu usar outro sistema:

– Daqui a dez minutos a Caroline vem aqui ter para estudarmos juntas, por isso despacha-te! – disse, tentando soar o mais casual possível.

Maria deu uma olhadela às suas notas e por fim deixou-se de rodeios:

– Já sei que vais achar isto um exagero, mas...

– Ora! Disparate! – riu Ana, interrompendo-a. – Tu nem és nada de exageros!

– Dez minutos, disseste tu? – perguntou Maria, provocatória, fitando-a de sobranceiras em arco e mãos na cintura.

– Oops! – disse Ana sorrindo, e decidiu evitar sarcasmos antes que a irmã mudasse de ideias e se fechasse em copas.

– Ok, aqui vai: ontem sonhei que o mundo ia acabar...

Ana mordeu o lábio para não proferir o comentário que tinha na ponta da língua. O melhor era deixar Maria acabar de relatar o pesadelo com todos os pormenores.

– Ah sim?... – limitou-se a perguntar para lhe mostrar que estava interessada.

– Não dormi quase nada! – exclamou ela, erguendo os braços para os deixar cair de imediato sobre o colo, produzindo um ruído seco. – Parecia um autêntico filme de terror! Não sobrou nada no planeta! Foi o fim de tudo!

– Bombas?... Atentados terroristas?... – arriscou Ana, mas vendo que a irmã continuava a abanar a cabeça, não se conteve e acabou por aventar: – Extraterrestres?...

– Qual extraterrestres, qual carapuça! – protestou Maria, exaltada. – Foi tudo obra nossa! Os seres humanos provocaram um desastre ambiental de proporções de tal forma gigantescas que acabaram com toda a vida no planeta terrestre. Ou quase toda, porque as baratas e as aranhas sobreviveram, claro, só para tornar o meu pesadelo ainda mais assustador!

– Olha que essa história de as baratas conseguirem sobreviver a um cataclismo é um mito – riu Ana. – Li noutra dia

num artigo da *National Geographic* que elas quase desapareceram durante a última extinção, no final do período Cretáceo, na altura em que a maior parte dos dinossauros se extinguiu.

— Pois no meu pesadelo, baratas e aranhas estavam vivinhas da silva! — garantiu Maria, sem evitar um arrepio.

— Mas o que fizeram os seres humanos para provocarem o desastre ambiental? — quis saber Ana.

— Eu sei lá! Já apanhei o pesadelo a meio! — ripostou a rapariga, muito séria.

Ana desatou a rir às gargalhadas, sem conseguir controlar-se.

— Ó Maria! Isso quase parecia um dos disparates do André!

— O que eu quis dizer é que não me lembro! — justificou a irmã, corando ligeiramente. — São pormenores a mais e a história é um bocado confusa...

«O que eu sei é que as catástrofes começaram de um dia para o outro, primeiro com cheias e tempestades terríveis que fizeram aumentar o nível do mar, depois com uma seca que parecia interminável.

«Havia pessoas por todo o lado, muito mais do que estamos habituados a ver. Até me lembro de ter pensado: “desde quando é que há tanta gente no mundo?!” A comida começou a escassear, por isso os indivíduos tornaram-se violentos, roubando o que podiam uns aos outros para tentarem sobreviver, mas é claro que só os mais fortes conseguiam fazê-lo.

«O ar estava tão poluído que se tornou irrespirável, os animais e as plantas começaram a morrer, os rios ficaram contaminados e malcheirosos, a pouca chuva que caía tornou-se ácida e as doenças proliferavam sem limites. E acontecia tudo à velocidade da luz.

«Até que a Terra se tornou cinzenta, sem vida, como se, de repente, o nosso planeta tivesse trocado de lugar com a Lua!»

– Bolas! Realmente não deves ter dormido grande coisa... Mas não percebi onde é que a Polícia entrava nessa história toda – questionou Ana, recordando as palavras que a tinham surpreendido nas notas de Maria.

– Uhhh?... A Polícia? – murmurou a irmã, pensativa. – Ah, sim! Isso foi no princípio... Ou talvez tenha sido um pesadelo anterior. Não sei bem... Só me lembro que estava numa ilha e que a Polícia andava superatarefada com um caso muito estranho de desaparecimento de animais que ninguém conseguia resolver.

– Ah, estou a ver... – comentou Ana, tapando a boca discretamente para camuflar um risinho, enquanto folheava o jornal que se encontrava no canto da secretária. – Olha lá, e essa tal ilha era... muito grande? Assim... do tamanho de um continente?

– Não sei... – respondeu Maria, admirada com a questão e sobretudo com a ênfase que a irmã dera à última palavra. – Porque é que perguntas isso?

– Ora, porque já sei onde foste buscar as ideias para o teu pesadelo! – adivinhou ela, abrindo o *The Australian* em cima da secretária e debruçando-se sobre o mesmo. – Andaste a ler artigos sobre o congresso do pai na Austrália, onde ele vai servir de moderador na próxima semana, não andaste?

– Uhhh?... – murmurou Maria, pasmada e baixando os olhos em seguida. – S-sim... Talvez tenha lido um ou dois...

– Então diz-me lá se eu não tenho razão: a primeira parte do teu pesadelo saiu daqui – disse Ana, apontando para um pequeno artigo ao fundo da terceira página e que quase passava

despercebido. — Deixa cá ver o que diz o jornal sobre o tal caso misterioso dos animais desaparecidos:

A Polícia australiana tem recebido várias denúncias anónimas nas últimas semanas relativas a animais misteriosamente desaparecidos por todo o país, não apenas dos seus habitats naturais, mas também de jardins zoológicos e casas privadas. Até agora ainda não surgiram teorias concludentes sobre o estranho caso, nem tão-pouco se identificaram quaisquer suspeitos. Desconhece-se também o autor, ou autores, das denúncias que têm chegado à Polícia.

Maria não objetou. Em vez disso, baixou os olhos e fingiu sacudir alguns grãos de pó que supostamente repousavam no *pullover* castanho e nas calças de ganga que trazia vestidas.

O gesto dissimulado confirmou a teoria de Ana, que apon- tou então para o título em letras garrafais da segunda página, onde se lia:

Novo Esforço para Tentar Salvar o Planeta

A União Internacional para a Conservação
da Natureza (UICN) organiza a sexta edição do Congresso
Mundial de Parques em Sydney, de 20 a 27 de outubro

— E aposto que baseaste o desastre ambiental da segunda parte do teu pesadelo precisamente nisto — colmatou Ana, batendo três vezes com o indicador em cima do artigo. — Não foi?

Maria encolheu os ombros e fez uma careta, comprimindo os lábios.

— Ó Ana! Tenho lido coisas terríveis sobre os cálculos de alguns cientistas quanto ao futuro do planeta — informou, desolada, e acabando por fazer beicinho. — Dizem que, se as temperaturas continuarem a aumentar, podemos perder até setenta por cento de *todas* as espécies que vivem hoje na Terra até ao final do século!

— Sim, eu sei, também li os artigos... — disse Ana, entristecida.

— E consegues dormir de noite?! — inquiriu Maria, com os olhos esbugalhados e já um pouco humedecidos.

Ana ergueu-se da secretária e colocou as mãos na cintura, soltando o ar que tinha nos pulmões através das narinas. Precisava de travar os argumentos apocalípticos da irmã antes que esta se lavasse em lágrimas, comovida com a sua própria atuação. Não seria a primeira vez.

— Ó Maria, não sejas injusta! E se não te pusesses a ler jornais antes de ires para a cama? — atalhou ela. — Além disso, o teu problema nem é tanto receares que os ambientalistas tenham razão no que dizem. O que tu não consegues é tirar da cabeça que desta vez o pai não nos leva com ele!

Maria, que já preparara a tirada seguinte, renunciou à investida, envergonhada. A verdade, tinha de o admitir, é que a irmã tinha razão.

Pegou nas folhas de papel com a mão esquerda e fitou-as, taciturna, enquanto apoiava o queixo na mão direita. Ao fim de uns segundos, quebrou o silêncio, suspirando profundamente. O pesadelo tinha sido terrível, sem dúvida, e atormentara-a durante todo o dia. Mas Ana tinha acertado em cheio no problema que se escondia por trás de tudo aquilo.

— Se a conferência fosse aqui perto, nem me importava que não fôssemos com o pai — aceitou a jovem, desalentada — mas é

na Austrália! Na Austrália! Ainda por cima, temos a semana toda livre, sem aulas, com o *half term* da escola no final de outubro!

— Sempre pensei que não estivesse interessada em ir à Austrália... — disse Ana, com um tom mordaz que Maria constatou de imediato. — Depois da fita que fizeste quando o pai nos disse que íamos viver para o Egito! Na Austrália, sim, há imensas aranhas!²

— Ora! Também não deve ser assim tão mau! — contestou a irmã, apressando-se a mudar de assunto. — Eu ia adorar ver os cangurus e os coalas. São tão queridos!

Ana deixou escapar um murmúrio de renúncia. Era típico de Maria não se acanhar em usar determinados argumentos para defender certas posições, quando no passado os utilizara para justificar exatamente o oposto. O que ainda não percebera era se ela não se lembrava de o ter feito, ou se esperava que os outros tivessem memória curta.

— Mas o pai disse que uma semana era muito pouco para ir à Austrália e voltar — insistiu ela. — São vinte e quatro horas de voo! Íamos levar pelo menos três ou quatro dias a superar o *jet lag*³ e não íamos ter vontade de fazer nada por andarmos com o fuso horário às avessas...

— Disparate! Então e o pai? Uhhh? E as outras pessoas que vão participar no congresso? — teimou Maria. — Vão dormir nas

² Ver *O Segredo do Mapa Egípcio*, em que Maria chora a bandeiras despregadas quando o pai a informa de que o seu novo destacamento diplomático os levará a viver no Egito, pois pensa que o país está infestado de aranhas. (N. da A.)

³ O *jet lag* é uma alteração do ritmo biológico que ocorre devido a viagens de avião muito compridas, durante as quais se atravessam zonas com fusos horários diferentes, e que se caracteriza especialmente pela perturbação do ciclo do sono. Por causa do *jet lag* é comum que os viajantes passem horas a dormir durante o dia e estejam acordados muito tempo durante a noite. (N. da A.)

poltronas durante as palestras, é? Se eles conseguem superar o *jet lag*, nós também conseguimos!

Ana deixou escapar um suspiro. O argumento da irmã tinha uma certa razão de ser, embora compreendesse os motivos do pai. Além disso, as viagens eram caríssimas e não justificavam estadias tão curtas.

— Não vamos ter nada para fazer durante toda a semana! — exasperou-se Maria, cruzando os braços. — Ainda se o André viesse ter connosco!...

— Podemos tentar pedir aos tios e aos pais para o deixarem vir... — propôs Ana.

— Uhhh... E se em vez disso lhes pedíssemos para irmos todos à Austrália? — contrapropôs a irmã, com um olhar astuto.

— Sim, sim, claro... — gracejou Ana, aproximando-se de uma estante e retirando dela a Bíblia e o Corão, que colocou em cima da secretária, à frente da irmã. — Boa sorte, maninha! O que tu precisas é de um milagre!

E saiu do escritório, deixando Maria, desanimada, a observá-la.

* * *

O embaixador Torres começou a descer a majestosa escadaria dupla do Foreign Office⁴ lentamente, distraído a colocar alguns papéis dentro da sua vetusta pasta de couro. A tarefa começava a revelar-se um pouco arriscada, por isso deteve-se ao chegar ao primeiro patamar de forma a concluir as suas arrumações sem percalços. Dispôs a pasta horizontalmente no amplo corrimão em mármore da balaustrada, inseriu os documentos que acabara

⁴ Ministério dos Negócios Estrangeiros inglês. (*N. da A.*)

de receber dentro da mesma, voltou a fechá-la e propôs-se retornar a descida, percorrendo o resto do tapete vermelho.

Foi então que, ao erguer o olhar, reconheceu a última pessoa que esperava encontrar ali naquele dia, também ela descendo o lance oposto da escadaria, distraída a observar o magnífico teto em caixotões octogonais e os candelabros dourados por cima da sua cabeça.

Ficou de tal forma surpreendido com a casualidade que puxou rapidamente pelos óculos esquecidos sobre o nariz e franziu o sobrolho, aguçando a vista. Assim que teve a certeza de não se enganar, apressou o passo, enquanto guardava os óculos no bolso do casaco, e exclamou, ao aproximar-se:

– Professora Smith? Professora Djinda Smith?

A Professora, com cinquenta e um anos de idade, era uma das mais respeitadas e influentes líderes aborígenes australianas. Além de ter sido distinguida, no passado, como a personalidade do ano no seu país, tinha-lhe sido atribuído o estatuto de Tesouro Nacional Vivo, graças ao contributo que ao longo da vida dera à comunidade australiana.

Igualmente admirada com a possibilidade de um encontro imprevisto, a mulher voltou-se ao ouvir chamar o seu nome, mas só ao fim de alguns momentos reconheceu o interlocutor.

– Embaixador Hugo Torres, presumo... – perguntou, muito séria, analisando-lhe o rosto.

– Sim, sou eu próprio – ripostou ele, estendendo-lhe a mão com um sorriso caloroso.

– Foi difícil reconhecê-lo – justificou-se a Professora, sem retribuir o sorriso e continuando a fitá-lo, curiosa. – Ou a fotografia que colocaram no site do congresso é antiga, ou fá-lo parecer mais novo. – Como está? Não esperava vê-lo por aqui.

– Uhhh... – balbuciou o embaixador, ignorando diplomaticamente o comentário pouco simpático, pois estava a par do temperamento um pouco excêntrico da Professora. – Sabe, tenho estado envolvido no Projeto do Príncipe para as Florestas Tropicais...

– Ah, agora percebo... – observou a Professora, interrompendo-o, pensativa. – Ainda não tinha compreendido por que razão o embaixador de Portugal no Reino Unido tinha sido escolhido como moderador no Congresso Mundial de Parques em Sydney, mas agora vejo que está ligado ao extraordinário projeto do príncipe Charles, não é verdade?

– Sim, precisamente – concordou ele, passando a explicar: – O Foreign Office está interessado em utilizar a imagem do príncipe para promover os interesses britânicos no estrangeiro, e a experiência de Charles no que diz respeito à deflorestação tropical e às alterações climáticas é muito importante. Acabámos de ter uma reunião sobre isso.

– Imagino... – anuiu a Professora. – A rede de contactos do príncipe deve ser extensa e muito valiosa. Espero que seja realmente utilizada para ajudar a impedir o abate constante das florestas tropicais.

– Sim, é essa a intenção – corroborou o embaixador. – Mas... quem não contava de forma alguma encontrá-la em Londres era eu. Que coincidência! O que faz por aqui, tão longe de casa?

A pergunta pareceu inquietar a Professora, levando-a a cruzar os braços num gesto que evidenciava pouca abertura. Os cabelos castanho-claros, um pouco encrespados, desciam-lhe soltos até aos ombros. Vestia calças cinzento-escuras, uma camisola de malha e um casaco pretos, por cima dos quais co-

locara uma echarpe cor de laranja com a qual se pôs a brincar, com um certo nervosismo.

– Bem... Eu... Vim dar uma vista de olhos à biblioteca do Colonial Office – respondeu, um pouco esquivada, fixando o olhar nos sapatos confortáveis que calçava. – Precisava de fazer umas pesquisas...

– Umas pesquisas? – perguntou o embaixador, estranhando a resposta. – Mas a biblioteca está vazia há anos, desde que o seu conteúdo foi transferido para a biblioteca do King’s College em 2007...

– Uhhh... Não... Quero dizer... – murmurou a Professora, visivelmente incomodada. – Na verdade, as minhas pesquisas são outras. Estou aqui para satisfazer uma curiosidade antiga: vim conhecer o famoso *Albert*.

– *Albert*? – inquiriu o embaixador, sem compreender.

– Sim... – afirmou ela, engolindo em seco, enquanto se esforçava por retomar a impassibilidade. – Não me diga que não sabe quem é o *Albert*, a anaconda com mais de seis metros que penduraram na biblioteca Ansell há mais de cento e vinte anos?!



– Ah, sim! O velho *Albert*, claro! – exclamou Hugo Torres, soltando uma gargalhada. – Disseram-me que foi oferta de um bispo da Guiana ao secretário colonial inglês no século XIX.

– Parece que sim.

– E como lhe pareceu? – quis saber o embaixador, divertido.

– Uhhh... Como disse? – perguntou ela, um pouco distraída.

– Como lhe pareceu o velho *Albert*?

– Ah, sim, claro... Bem... está com muito melhor aspeto do que estava antes...

O embaixador observou-a, admirado.

– Pensava que tinha dito que não o conhecia... – disse ele, sorrindo para disfarçar a intromissão.

– Já o tinha visto numas fotografias de 1892 e 1907 – apressou-se ela a justificar. – Parece que há pouco tempo o Foreign Office pagou dez mil libras a técnicos especializados do Museu de História Natural para o voltarem a embalsamar, e agora está como novo!

O sarcasmo final foi de tal forma evidente que o embaixador decidiu aproveitar para mudar de assunto.

– Este encontro é realmente uma extraordinária coincidência! Imagine a Professora que estivemos a falar sobre si na reunião que acabei de ter.

– Sobre mim? – perguntou ela, com secura. – E a que propósito?

– Foi-me dito que o porta-voz do governo australiano mostrou interesse em falar consigo durante o congresso, na próxima semana...

O rosto da Professora endureceu de repente.

Hugo Torres sabia que a Professora tinha sido uma importante conselheira nas políticas ambientalistas do governo australiano no passado, mas um infeliz incidente tinha-a afastado do seu cargo. Desde então, vivia longe dos ambientes burocrá-

ticos, numa pequena ilha na costa oriental do continente e, sempre que possível, mantinha-se afastada do contacto direto com o resto do mundo.

Com o olhar mais amável do seu repertório diplomático, o embaixador explicou:

– Querem fazer-lhe uma proposta, Professora Smith...

– Uma proposta... – murmurou ela, tentando ler-lhe o rosto de forma a obter mais informações sem ter que lhas pedir.

– Não me peça pormenores, sei apenas que gostariam de falar consigo diretamente – explicou ele, adivinhando-lhe as intenções.

– Está fora de questão – retorquiu ela, irredutível, e começou a descer as escadas.

O embaixador seguiu-a até ao andar inferior e, antes que a Professora se dirigisse ao corredor que conduzia à saída, insistiu:

– Não quer, pelo menos, ouvir o que têm para lhe dizer?

– Caro embaixador Torres, asseguro-lhe que não estou interessada em nada do que poderão ter para me oferecer – retorquiu ela, detendo-se momentaneamente.

– Professora Smith, porque não vem assistir às palestras? – convidou o diplomata. – Seria magnífico se pudesse estar presente no congresso...

– Ora! Mas é claro que estarei presente! – exclamou a Professora, de repente, com um sorriso claramente irónico.

– Como?... Estará presente? – repetiu Hugo Torres, desconcertado.

– Claro que sim! – asseverou a Professora, e decidiu justificar-se: – No último congresso, na África do Sul, o presidente

de Madagáscar prometeu assegurar a sobrevivência dos lémures em extinção. Já lá vão mais de dez anos e eu gostaria de saber o que se fez entretanto, por isso é claro que estarei presente. Não perderia por nada a edição deste ano.

O embaixador fitou-a, de cabeça um pouco inclinada e expressão neutra no rosto, mostrando-lhe apenas que identificara o seu tom jocoso. Preferiu, contudo, permanecer diplomaticamente em silêncio, à espera da verdade.

— Quer mesmo saber porque estarei presente? — perguntou-lhe ela, sondando-lhe o olhar sem qualquer reserva.

— Ouça, porque não tomamos qualquer coisa enquanto conversamos? — respondeu ele, aproveitando o indício de franqueza da australiana.

— De acordo, mas não na cafetaria do edifício — disse ela, olhando à sua volta com ar desconfiado. — Há de haver um café aqui perto onde possamos estar à vontade.

Os dois abandonaram as instalações e seguiram para este pela King Charles Street até chegarem a um pequeno café de características bastante triviais, no qual entraram. A Professora escolheu a mesa mais reservada, no canto da sala, de onde tinha visibilidade absoluta. Depois de se sentarem, pediram duas chávenas de chá.

— Imagino que saiba por que razão me afastei da política australiana... — começou por dizer a Professora, encostando-se na sua cadeira.

— Falaram-me em opiniões divergentes entre si e o governo australiano relativamente a uma determinada iniciativa, mas desconheço os pormenores.

— Claro que desconhece — desabafou a Professora, agravada. — E se os conhecesse, estariam errados ou incompletos. Os governos são peritos em desinformação.

– A questão tinha a ver com a proposta do governo de criar um parque natural com espécies nativas australianas – confessou o embaixador.

– Proposta do governo? – indignou-se a Professora. – Não, caro embaixador, a proposta não era do governo, era minha.

«Tratava-se de um projeto piloto bastante original, na minha opinião. O que lhes propus foi criar uma espécie de *Arca de Noé* numa ilha, na qual seria preservado o maior número de exemplares de espécies nativas do nosso país, longe de tudo e de todos, sem turistas, completamente protegidas do contacto com doenças transportadas por humanos, de forma a garantir que não se extinguissem e pudessem perdurar no futuro, o que, da forma como as coisas estão a avançar, será impossível para muitas delas.»

– E porque foi interrompido o projeto? – quis saber o embaixador. – Parece-me uma ideia excelente e, como disse, muito original.

– O projeto nunca foi interrompido pela simples razão de que nunca chegou a ser iniciado – informou a Professora. – A princípio, o governo mostrou-se muito interessado, e ainda começámos a fase dos estudos, mas assim que se abordou a questão dos custos, os burocratas começaram logo a fazer contas de cabeça e o objetivo do projeto foi completamente alterado.

«Em vez de um paraíso terrestre totalmente protegido que pudesse garantir a existência de milhares de espécies no futuro, o governo quis criar um autêntico parque de diversões, como tantos outros que já existem por aí, com turistas a disparar fotografias de manhã à noite.

«Como se tal não bastasse, ainda queriam juntar plantas e animais de todo o mundo e misturar também organismos geneticamente modificados, fazendo um jardim botânico e zoológico universal, sem considerar que, em vez de proteger as nossas espécies endémicas, estaríamos a colocá-las em risco.

«Ou seja, o objetivo final do projeto deixaria de ser a proteção da vida no planeta e passaria a ser claramente a exploração comercial de um simples jardim botânico e zoológico, ainda que com características especiais. O governo queria o dinheiro dos turistas, eu queria proteger as nossas espécies.»

— E as duas coisas não eram compatíveis... — concluiu o embaixador.

— No meu entender, não — respondeu a Professora. — Daí o desacordo.

— E o fim da *Arca de Noé*... — acrescentou Hugo Torres.

— Não, caro embaixador, engana-se de novo — contestou a Professora, surpreendendo-o.

— Como assim?

— A ideia da *Arca de Noé* nunca chegou a morrer e embora se pense que esteve escondida sem fazer nada durante os últimos anos, a verdade é que tenho andado muito ocupada.

— Sim? — perguntou Hugo Torres, curioso.

— A *Arca de Noé* vai ser uma realidade em breve — revelou a Professora. — Consegui adquirir a ilha onde vivo e da qual precisava para prosseguir com a construção do parque e espero obter o apoio de algumas entidades privadas.

— Mas essa é uma notícia magnífica! — exclamou o embaixador. — Agora percebo porque mudou de ideias e decidiu participar no Congresso Mundial de Parques.

– Não podia faltar! Até porque estou mesmo curiosa para saber como ficou a tal história dos lémures! Ah! Ah! – ironizou a Professora, mostrando-se mais descontraída.

Hugo Torres compartilhou a risada, mas voltou a insistir, num tom muito cordial:

– Nesse caso, porque não aceita o convite do governo australiano e se encontra com os seus representantes antes do congresso?

– Ora, porque esta história de quererem falar comigo sem antes me dizerem de que se trata traz água no bico – denunciou a Professora.

– Bem... Como lhe disse, querem fazer-lhe uma proposta – reiterou o embaixador. – Aliás, para lhe mostrar que as suas intenções são genuínas, estão dispostos a pagar as suas despesas de deslocação a Sydney, assim como as dos seus colaboradores.

– Mas eu não confio neles, nem nas suas propostas! – desabafou ela. – Estou cansada de burocratas, de joguinhos políticos, de gente que só pensa em dinheiro. Francamente não tenho saudades do tempo em que me sentia controlada por pessoas que vigiavam tudo de longe, sem perceberem como funcionam as coisas no campo, em termos práticos. Acredite: não suportaria voltar a trabalhar com eles...

– Compreendo... – murmurou o embaixador, cortês.

– Compreende realmente? – duvidou a Professora. – O que eu preciso é de trabalhar com gente jovem. Onde é que se meteram os exploradores intrometidos de antigamente? Onde estão aqueles aventureiros que não pareciam ter medo de nada, que metiam mãos ao trabalho, por vezes em troca de meros ideais, daqueles que se puseram a viajar para descobrir o resto do mundo? Eu não quero trabalhar com burocratas e

colarinhos brancos que se comportam como se tivessem sofrido uma lavagem cerebral e se limitam ao que já conhecem. Eu preciso é de gente curiosa, destemida, aberta à novidade, com vontade de aprender!

Hugo Torres deixou escapar um sorriso complacente e tomou um gole de chá da sua chávena.

— Acha a questão divertida? — perguntou-lhe a Professora Smith, sorvendo o seu chá enquanto perscrutava a resposta nos olhos do embaixador.

— Não, de forma alguma! — apressou-se ele a explicar. — Sorri, porque me fez pensar nas minhas filhas, a Ana e a Maria, e no meu sobrinho, o André. A sua descrição é perfeita para aqueles três.

— Está a querer impingir-me os seus familiares como colaboradores, senhor embaixador?

— Ora essa, claro que não! — riu Hugo Torres, e logo esclareceu o mal-entendido. — Talvez não me tenha explicado bem: estes três jovens são apenas adolescentes.

— Adolescentes... — murmurou a Professora, pensativa. — Adolescentes... *portugueses*, obviamente?

— De gema! — garantiu o embaixador, soltando uma gargalhada.

— Muito bem! — disse a Professora secamente, levantando-se e pegando na sua pasta. — Traga-os consigo quando vier para Sydney e empreste-mos durante uma semana. Se o fizer, pode marcar a reunião com o governo no primeiro dia do congresso. Lá estarei para ouvir o que têm para me dizer.

— Não compreendo... — lamentou-se o embaixador, pensativo. — Quer... que lhe *empreste* os três primos?

— Sim, precisamente! — retorquiu a Professora, esboçando finalmente um sorriso genuíno. — É claro que enquanto esti-

verem na Austrália, tem de me dar carta-branca para poderem viajar comigo para onde for necessário.

– Como assim?! – inquiriu o embaixador, cada vez mais perplexo. – Desculpe, cara Professora, mas para que precisa deles?

– Não me disse que eles tinham as características dos exploradores intrometidos de antigamente?

– Sim, isso, garanto-lho, mas...

– Então não se preocupe. Garanto-lhe que os manterei ocupados – interrompeu-o ela, dando dois passos na direção da saída. – Aliás, traga mais dois ou três amigos como eles. Estou a falar a sério. Claro que não precisa de se preocupar com as despesas. Tenho a certeza de que o governo australiano terá todo o prazer em cobrir os custos necessários.

E afastou-se, deixando Hugo Torres com o indicador erigido e a boca entreaberta, sem possibilidade de esclarecer a situação.

